

ORQUÍDEAS DA RESTINGA DE MASSAMBABA

Maria da Penha K. Fagnani *

Carlos Ivan da Silva Siqueira **

Segundo dados bibliográficos, das 2.300 espécies de orquídeas brasileiras, 832 ⁽¹⁾ são encontradas no Estado do Rio de Janeiro, sendo que algumas destas existem unicamente no nosso estado, como, por exemplo, a *Laelia lobata* e a *Cattleya dormiana*.

Cultivando nossas plantas aqui e vivendo num estado tão rico em orquídeas, achamos ser de especial interesse a visita a alguns "habitats", para conhecermos a situação atual em relação às espécies ainda lá encontradas e sua interação com o meio em que vivem, pois todos sabemos das agressões cada vez mais frequentes a estes jardins naturais tão belos.

Escolhemos, para começar, a restinga de

Massambaba, que separa a Lagoa de Araruama do mar. É um local de acesso fácil para nós e sabidamente uma área com flora orquidácea bem representativa.

Nestas nossas visitas iniciais com finalidade de estudo, observamos alguns pontos de uma área que vai da localidade de Praia Seca até, aproximadamente, 10 km indo em direção a Arraial do Cabo. Penetramos na restinga por acessos por nós escolhidos, de maneira a sempre observarmos as mesmas áreas, com eventuais ampliações do espaço observado. Isto nos permitiu seguir os ciclos biológicos de algumas orquídeas, assim como aprofundar o conhecimento destas comunidades vegetais como um todo.

As restingas foram formadas entre sete



Brassavola peruviana e *Campylocentrum selowii* dentro de uma moita, com muita luz e pouco sol direto.

Maria da Penha Fagnani

* Rua das Palmeiras n.º 93 apto. 803 — Rio de Janeiro-RJ CEP 22270

** Rua Salinópolis n.º 353 — Rio de Janeiro-RJ CEP 22700

(1) Incluindo neste número os híbridos naturais.

e dois mil anos atrás pelos movimentos de avanço e recuo das águas do mar, resultantes de variações do nível dos oceanos. Houve a formação de sucessivos cordões arenosos litorâneos que, pela ação dos ventos e outros fatores, foram modelados como dunas, por exemplo, ou mesmo planícies com poucos acidentes geográficos.

Na restinga de Massambaba encontramos, como é comum nas restingas, vegetação que se modifica em zonas bem definidas conforme a topografia da restinga. De maneira simplificada temos, nas restingas, o cordão arenoso externo (restinga externa), próximo ao mar, e o cordão arenoso interno (restinga interna), próximo à lagoa. Entre estes dois cordões arenosos existe uma área de brejo, sendo que aí o solo é coberto por matéria orgânica espessa, semelhante à turfa.

A restinga é um lugar de muito vento e pouca chuva, predominando o solo arenoso pobre, que não retém umidade. Sua vegetação constitui uma comunidade pioneira, de primeira ocupação de um solo jovem ou rejuvenescido pela deposição de areia.

É interessante perceber como é rica e diversificada a comunidade vegetal em ambiente aparentemente hostil. Encontramos muitas plantas de valor ornamental e me-

dicinal. Além das orquídeas assinalamos, dentre os arbustos, o gênero *Clúsia* e o “fede-goso”, do gênero *Cássia*. Há grande variedade de bromélias e cactus, gramíneas e líquens.

As orquídeas por nós encontradas até agora foram:

- *Brassávola perrinii*
- *Cattleya guttata*
- *Campylocentrum selowii*
- *Campylocentrum robustum*
- *Cyrtopodium paranaensis*
- *Encyclia oncidoides*
- *Epidendrum denticulatum*
- *Epidendrum latilabre*
- *Habenaria* sp. (duas espécies)
- *Pleurothallis* sp.
- *Vanilla planifolia*

Recentemente encontramos uma orquídea terrestre de brejo que parece ser de um gênero não assinalado para o Estado do Rio de Janeiro, mas estamos aguardando a floração.

A região da restinga que nos pareceu, até o momento, mais rica em espécies de orquídeas foi a restinga interna. Nesta região, a vegetação arbustiva forma moitas intercaladas por cláreiras e o solo é irregular, com pequenas elevações. Estas moitas podem ser pequenas e baixas ou um pouco maiores, com árvores de pequeno por-



Cattleya guttata de coloração vinácea florindo em moita de pequena altura, bem exposta ao sol.

Carlos Ivan da Silva Siqueira

te (2 a 3 metros de altura). Nestas moitas maiores, a vegetação arbustiva é geralmente densa, proporcionando bastante sombra. Aí encontramos, freqüentemente, a *Cattleya guttata* e a *Encyclia oncidioides* vegetando como epífitas nas pequenas árvores, muitas vezes bem próximas ao solo, a uma altura de 30 a 50 cm. Nas raras vezes em que encontramos *C. guttata* crescendo em uma moita aparentemente não perturbada pela coleta, ocupava, com suas plântulas, até os galhos mais altos da árvore suporte.

As *C. guttata* e *Enc. oncidioides* não expõem, geralmente, suas folhas ao sol direto e as plantas maiores ficam na parte central e mais baixa da moita, só recebendo luz filtrada. No caso da *C. guttata*, encontramos algumas plantas vegetando em moitas pequenas e bem mais expostas ao sol. Muitas vezes percebemos que o líquen *Usnea* "barba de velho" parecia servir de cortina para filtrar os raios solares.

De um modo geral, as *C. guttata* e *Enc. oncidioides* não usam o mesmo arbusto mas, eventualmente, o fazem e, na competição pelo espaço dentro das moitas, a população de *Enc. oncidioides* parece estar levando vantagem ocasionalmente, formando, então, enormes touceiras. Isto, talvez, seja devido ao fato de que a *C. guttata*, pela beleza das suas flores, haver sido a mais coletada.

Nestas mesmas moitas maiores, também a pequena altura e vegetando como epífita, encontramos outra orquídea de grande beleza, a *Brassavola perrinii* que, quando em flor, ostenta lindos ráculos brancos, perfumados. Suas folhas roliças "rabo de rato" recebem muita luz e pouco sol direto. Tem sido coletada amplamente e sua população local nos pareceu pequena, embora tenhamos percorrido, até agora, só uma área limitada da restinga de Massambaba. Cada vez que plantas em flor são coletadas, eliminamos a possibilidade de que venham a se formar frutos e sementes e o "habitat" vai empobrecendo.

Outra epífita da restinga é o *Oncidium*

ciliatum, que foi encontrado na parte da restinga interna próxima ao brejo. Nesta região há uma pequena faixa de mata arbustiva, em vez de moitas, e o *Oncidium ciliatum* vegeta nas arvoretas mais altas. Recebe, nas suas partes vegetativas, muita luz e, por meio de longas hastes, suas inflorescências procuram o sol. Encontramos muito poucos até agora e quase nenhuma plântula, pois, quando bem florido, é muito vistoso, chamando a atenção dos coletores.

O *Cyrtopodium paranaensis*, vulgarmente conhecido como "Sumaré" é muito abundante, vegetando no solo arenoso na periferia das moitas e da pequena mata, em pleno sol. Apresenta inflorescências com hastes longas amarelas esverdeadas, perfumadas. É muito ornamental tendo, também, valor medicinal.

No caso das *Habenaria*, as duas espécies encontradas crescem no solo arenoso protegidas do sol pelos arbustos. Este gênero contém suas substâncias de reserva nas raízes tuberosas bem características e suas flores possuem esporão.

Quanto ao gênero *Campylocentrum*, suas espécies crescem como orquídeas aéreas, sendo que, eventualmente, suas raízes aderem ao suporte. É encontrada sempre à meia luz, sendo este gênero o único representante das Sarcanthinae no Brasil. Pelo hábito vegetativo, o *Camp. robustum* lembra uma pequena *Renanthera*, enquanto o *Camp. selowii* possui folhas modificadas, pequenas, aciculares, parecendo ter só raízes.

Muito abundante é a *Vanilla*, que prolifera vegetando como epífita, na sombra, dentro das moitas, seus caules longos se apóiam nos arbustos ou caminham prostrados na areia, por pequenas distâncias. É encontrada no sol pleno apenas indo de uma moita para outra, em trechos curtos.

Num local como a restinga de Massambaba, em que o solo é pobre e existe a maresia permanente no ar, a comunidade vegetal está adaptada, usando estratégias adequadas para reduzir a perda de água, por exemplo.

Neste ambiente, todas as plantas são importantes e as agressões continuadas vão, forçosamente, produzir um desequilíbrio que poderá ser reversível ou não.

Até agora só nos referimos à coleta como fonte de agressão mas a grande ameaça é, certamente, a especulação imobiliária, que já destruiu ou descaracterizou muitas restingas no Estado do Rio de Janeiro.

Em 15 de dezembro de 1986 foram criadas a Reserva Ecológica Estadual de Massambaba, numa área do Município de Araruama, e a Área de Proteção Ambiental de Massambaba (APA Massambaba), constituída por partes dos Municípios de Saquarema, Araruama e Arraial do Cabo. O "status" de reserva ecológica oferece mais proteção do que o de APA, mas, em qualquer dos casos, as dificuldades são muitas para que o que existe no papel seja realidade.

Na verdade, apesar da coleta, que causou algum desequilíbrio, este nosso jardim natural continua como que, por milagre, lindo e rico em espécies.

Vamos ficar atentos no sentido da sua preservação e vitalidade, usando nossas capacidades de orquidófilos para restaurá-lo e de cidadãos para defendê-lo.

Bibliografia

- G.F.J. Pabst, F. Dungs. 1977. Orchidaceae brasilienses. Brücke-Verlag Kurt Schmiersow.
- L.D. de Lacerda e Dorothy S.D. de Araújo. 1986. A natureza das restingas. Ciência hoje, vol. 6 n° 33. S.B.P.C.
- Henrique P. Veloso, Antonio L.R. Rangel Filho, Jorge Carlos A. Lima. 1991. Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal. IBGE.
- Diário Oficial do Rio de Janeiro de 30.01.87.